

## Parte 3 – As crônicas

### 3.1

#### Os primeiros jornais: A Manhã e Crítica

No ano de 1925 era criado pelo pai de Nelson Rodrigues, Mário Rodrigues, o jornal *A Manhã*. Vindo de Pernambuco, onde havia iniciado carreira como jornalista e político, Mário chegou ao Rio de Janeiro com o objetivo de trabalhar no jornal mais importante da capital na época: o *Correio da Manhã*, de Edmundo Bitencourt. Assumindo a direção do jornal, Mário Rodrigues logo se envolveu em confusão. Após escrever matéria questionando a honestidade de Epitácio Pessoa, o jornalista foi preso e passou um ano na cadeia. A mulher e os onze filhos de Mário lutavam para sobreviver quando então, Mário resolveu criar seu próprio jornal, *A Manhã*.

O Rio de Janeiro na época do surgimento de *A Manhã* emergia da *Belle Époque*. A cidade dos bondes e dos lampiões desaparecia em meio a ruas e bairros desfigurados pelo processo de civilização realizado pelas grandes obras do prefeito Pereira Passos. Entre elas, a abertura de grandes avenidas e a destruição do morro do Castelo. A modernização batia à porta, visível pela circulação de novos modelos automobilísticos. No campo da literatura, foi o período da tradição nacionalista e da leitura de autores como José de Alencar e Machado De Assis, e dos parnasianos Olavo Bilac e Coelho Neto. O naturalismo marcava presença com Júlio Ribeiro, a revista *Fon-Fon* trazia novidades e era lido o jornal *A Noite*, fundado por Irineu Marinho. Logo depois, explodiria o carnaval. “... foi um desabamento de usos, costumes, valores, pudores. O Rio tornava-se a Cidade Maravilhosa” (Coelho, 2004, p.19).

O primeiro jornal da família Rodrigues não se diferenciava muito dos outros jornais da época. Em suas oito páginas eram publicadas reportagens policiais, colunas sobre política, acontecimentos gerais e folhetins, que faziam grande sucesso. Foram publicados em forma de folhetim alguns romances como *Crime e Castigo*, de Dostoiévski (decorre daí a popularização de Dostoiévski,

assim como a paixão de Nelson pelo romancista russo), *Os Pardailan*, de Michel Zevaco e *O choque das raças*, de Monteiro Lobato.

A redação do jornal era como as outras do Rio daquela época: uma sala comprida, muitas escrivaninhas, cabides para os chapéus e telefones de manivela. As máquinas de escrever eram poucas e a maioria dos redatores escrevia a mão, em folhas de papel almaço. O espaço das matérias nas páginas era calculado letra por letra pelos paginadores e os linotipistas sofriam tentando decifrar os garranchos escritos. Havia um único fotógrafo (era assim em todas as redações) que, utilizando o “flash” de magnésio, levava um longo tempo para preparar a foto. Os tempos eram outros e, tanto fotógrafos quanto jornalistas usavam um revólver no cinto, devido às manchetes polêmicas do jornal. Redações como a de *A Manhã* viviam cheias de gente, mesmo as que não tinham nada a ver com o jornal. De um lado havia os funcionários, redatores, repórteres, contínuos; de outro, choferes de táxi, investigadores particulares, traficantes de cocaína, aspirantes a poeta, políticos e prostitutas. E, como conta Nelson Rodrigues em seu livro *A menina sem estrela*, havia também em toda redação de jornal, uma figura obrigatória: o canalha. “Até hoje, não sei por que o jornal fascinava os pulhas da velha geração. Eram escroques, punguistas, cáftens, gatunos. Todos os dias iam para a redação e se tornavam amigos, íntimos, de todos nós. De vez em quando, sumia uma capa, um relógio e já se sabia: era um deles” (Rodrigues, 2002, p.270).

A força dos artigos de Mário Rodrigues e o alto nível dos textos publicados, principalmente os policiais, fizeram do jornal o matutino mais vendido do Brasil. Vários de seus filhos trabalhavam no jornal. Roberto era repórter ilustrador, Milton era secretário e Mário Filho editava a página *Arte e Cultura*. Este último também escrevia contos e novelas, que inspiraram Nelson. Expressões como “mordeu os lábios até fazê-los sangrar”, “não seria capaz de amar um assassino” e “a ânsia, o minuto agudo da hora que passa” que estão presentes em Nelson, encontram-se antes em Mário. (Coelho, 2004, p.21). A atração pela morbidez constituía-se em uma das marcas dos Rodrigues, estando presente tanto nos textos jornalísticos, quanto nas ilustrações de Roberto.

Em 1928 a administração do jornal pela família Rodrigues encontrou dificuldades. Cheio de dívidas, o jornal passou a contar com outro sócio, Antônio Faustino Porto, que há tempos vinha arcando com os pagamentos urgentes. Porto

tornou-se então sócio majoritário mas, devido a sua intervenção nos artigos de Mário, a família deixou o jornal.

Apenas 49 dias depois de deixar *A Manhã*, Mário Rodrigues lançou um novo jornal, *Crítica*, que apesar da curta existência, fez um grande sucesso, conquistando em seis meses a posição de jornal mais vendido do Brasil. Os textos explosivos de Mário marcaram a imprensa, despertando ódio e admiração em quem os lia. Foi em *Crítica* que consolidou seu prestígio e a condição de maior jornalista de seu tempo. A ousadia do jornal era tremenda e das colunas de Mário “saíam labaredas de fogo”(Coelho, 2004, p.22).

A diagramação de *Crítica*, diferente do jornal *A Manhã*, apresentava uma página mais arejada e portanto mais fácil de ler. O folhetim tinha seu espaço garantido, assim como a *Caravana de Crítica*, grupo de repórteres e fotógrafos dedicados às reportagens policiais. Havia também os desenhos macabros, satíricos e insanos de Roberto Rodrigues que ilustravam as matérias policiais e o jornalismo especializado em futebol, criado por Mário Filho. Ele promoveu a profissionalização do esporte, o concurso entre torcidas, a celebração dos clássicos e, no jornal, publicou entrevistas com jogadores de futebol (o Maracanã, como é conhecido o maior estádio do mundo, leva o nome de Mário Filho).

Rui Castro destaca o estardalhaço dos textos, o jeito malcriado que nem todos aprovavam, cujo lema dizia: “Declaramos guerra de morte aos ladrões do povo” (Castro, 1997, p.68). E realmente era uma guerra; uma guerra de acusações, escândalos revelados e fotos comprometedoras. Muitas vezes os textos de Mário Rodrigues não se tratavam nem mesmo de longas reportagens, e limitavam-se a palavras que lavravam a simples e direta acusação: “Canalha!”, “Assassinos!” ou “Ladrão!” (esta no caso de uma foto do conde Francisco Matarazzo, publicada na primeira página). Castro afirma que *A Manhã* era um jornal agressivo, mas, se comparado com *Crítica*, parecia tão inofensivo quanto o “Almanaque da ‘Saúde da Mulher’”. Além disso, havia o exibicionismo do jornal, como se o principal assunto do dia fosse o fato do jornal ter saído. Na grande maioria das manchetes lia-se “Crítica revela isto”, “Crítica denuncia aquilo!”, ou “Caravana de Crítica penetra não-sei-onde”. Segundo o autor, tratava-se na época, da estratégia de Mário Rodrigues para mostrar o que vinha. Mas a verdade é que não havia muitas dúvidas com relação ao que esperar das notícias do jornal.

A secção da política – a da primeira página - era muito forte no jornal, assim como a do esporte. Mas era a última página que causava maior sensação: a dedicada aos crimes. Dirigida por Carlos Leite, a secção apresentava a “caravana”, que saía em busca dos casos mais aterradores do submundo carioca. Quanto mais sangue, melhor era: casais que se esquartejavam por ciúme, pais que seduziam filhas, filhos que torturavam pais entrevados, jovens assassinados a facadas, envenenamentos, padres estupradores e todo tipo de suicídio e adultério. Rui Castro afirma que não se tratava de uma imprensa marrom, porque não consta que o jornal estorquisse as vítimas dos escândalos. Mas a violência com que repórteres e fotógrafos da Caravana invadiam as residências nos subúrbios em busca de informações, e a maneira macabra como essas informações eram apresentadas faziam da oitava página do jornal a mais lida e, certamente, a mais comentada. Para isso contribuía as ilustrações de Roberto Rodrigues, que acompanhavam cada matéria, reconstituindo as cenas dos crimes com um toque de mau gosto sensacionalista e dramático. Uma delas, a de um assassino segurando a cabeça da vítima, separada do corpo e com o sangue escorrendo. Até mesmo os leitores mais sofisticados, interessados na coluna política, queriam saber até onde chegaria o mau gosto e o drama das notícias policiais.

A briga pelo poder no jornal era basicamente dividida entre duas editorias: a de política e a de polícia. Carlos Leite argumentava que as matérias de crimes deveriam aparecer na primeira página, um tradicional reduto da política. Dizia que a política nacional estava irremediavelmente rachada. De um lado, o governo do presidente Washington Luís, cada vez mais impopular, e de outro, a Aliança Liberal, recém-formada pelos governadores de Minas Gerais, Rio Grande do Sul e Paraíba, se opondo à candidatura oficial de Júlio Prestes. E *Crítica*, apoiando Washington Luís e atacando esses governadores – um deles o popular Getúlio Vargas - estava apostando no “cavalo errado”. Mas principalmente, Carlos Leite declarava que todos se interessavam pelos crimes e escândalos publicados, e que eram eles os verdadeiramente responsáveis pela venda do jornal.

Muitas das notícias policiais de *Crítica* eram exageradas pelos repórteres, tornando-se o assunto mais discutido na cidade. Rui Castro lembra de algumas como o caso do “profeta da Gávea”; um louco que se julgava Jesus Cristo, o da “bruxa de Itinga” e o de Febrônio Índio do Brasil; o tarado que seviciara e matara dois meninos em 1927 e fugira do manicômio, assustando a cidade por dois dias.

Em todas elas, o importante era instigar a curiosidade do leitor através de muito drama e muito sangue. Já estava provado pelo sucesso de melodramas e folhetins que tais ingredientes garantiam a atenção do leitor. O público estava sempre à espera do próximo escândalo, nem que Carlos Leite tivesse que inventar um. Mas como lembrava Mário Rodrigues, *Crítica* era um jornal político e portanto, esse tipo de notícia não devia aparecer na primeira página. Mário era contra a orientação que a página policial estava seguindo e acreditava que o horror explorado pelas reportagens estava passando dos limites. O exagero de algumas reportagens corria o risco de acabar em tragédia. Era comum se ouvir pelos corredores da redação: “Um dia alguém em *Crítica* ainda vai levar um tiro!”. O candidato mais provável era Mário. Ninguém podia imaginar que seria Roberto.

Toda a tragédia presente na obra de Nelson, seja no teatro, romance ou conto, não pode ser devidamente compreendida sem que se saiba das tragédias de sua própria vida. Entre elas, a mais terrível, a morte do irmão Roberto, devido a uma matéria publicada sobre o desquite de Sylvia e José Thibau Jr. Em dezembro de 1929, foi estampada na primeira página do jornal a manchete “Entra em juízo hoje nesta capital um rumoroso caso de desquite”, seguida do subtítulo “Há uma grande curiosidade pública em conhecer os motivos da separação do casal Thibau Jr.”.

Procurada anteriormente por um repórter de *Crítica*, Silvia Thibau declarara que o desquite era amigável e não havia nada para contar. Chegou mais tarde a ligar para a redação do jornal e pedir que a matéria não fosse publicada. A matéria saiu, acusando Silvia de ter um caso com um médico. Revoltada, foi à redação de *Crítica* à procura de Mário Rodrigues, que não estava. Pergunta por Mário Filho, que também não estava. Quem estava era Roberto e foi quem levou o tiro. Nelson declarou em crônica sobre suas memórias: “Vinte e seis de dezembro de 1929. Nunca mais me libertei do seu grito. Foi o espanto de ver e de ouvir, foi esse espanto que os outros não sentiram na carne e na alma. E só eu, um dia, hei de morrer abraçado ao grito do meu irmão Roberto. Roberto Rodrigues” (Rodrigues, 2002, p.86).

A obsessão de Nelson com a morte já vinha desde menino, quando, morador da rua Alegre imaginava que se o pai ou a mãe morressem, se mataria. Com o assassinato do irmão, a obsessão aumentou. Cinco dias após o ocorrido, foi para a redação procurar na coleção de jornais as notícias sobre a morte. Começou

também a ler anúncios de missas. Mal abria o jornal, ia direto aos avisos fúnebres, à procura de avisos sobre outras mortes. “Sim, outros continuavam morrendo; a toda hora e em todos os idiomas, alguém morria. E os anúncios de missa eram, para mim, uma espécie de reparação” (Rodrigues, 2002, p.95).

Pouco depois, ele descobriria o teatro, o qual ligaria imediatamente ao martírio e ao desespero. Em sua famosa peça *Vestido de noiva*, a cena de uma mulher matando um homem, logo no primeiro ato, imita a vida. “O meu teatro não seria como é, nem eu seria como sou, se eu não tivesse sofrido na carne e na alma, se não tivesse chorado até a última lágrima de paixão o assassinato de Roberto” (Rodrigues, 2002, p.84).

A experiência do assassinato vivida por Nelson era uma experiência de reportagem policial. Após o terrível acontecimento, outra tragédia: a morte do pai. Sem ele, *Crítica* não sobreviveu por muito mais tempo. Na época, Júlio Prestes, que fora elogiado pelo jornal, venceu Getúlio Vargas nas eleições para a presidência da República. Em outubro, no Rio Grande do Sul, Minas e quase todo o Nordeste, estourou a revolução que depôs Washington Luís. Multidões saíram às ruas para acertar as contas com os jornais do velho regime. Redações e oficinas de diversos jornais foram invadidas e empasteladas, entre elas, a do jornal dos Rodrigues. Os irmãos começaram a procurar emprego e a vender o que tinham para poder sobreviver. Foram tempos difíceis, marcados pela falta de dinheiro e pela fome. Algum tempo depois, começaram a trabalhar no jornal *O Globo*, a convite de Roberto Marinho.

### 3.2

#### O estilo do jovem Nelson

As notícias/crônicas policiais reunidas na pesquisa de Caco Coelho abrangem o período de 1925 a 1935, nos jornais *A Manhã*, *Crítica* e *O Globo*. Desse período, foram catalogadas 650 matérias jornalísticas – não assinadas mas estilisticamente sugestivas do universo rodrigueano - , 36 colunas assinadas (dezesseis em *A Manhã*, oito em *Crítica* e doze em *O Globo*) e duas notas aniversariantes, relativas aos dezesseis e aos dezessete anos de Nelson. De todo esse material, analisaremos principalmente as matérias jornalísticas, observando através da linguagem e dos temas policiais, as características que indicam a

provável autoria de Nelson Rodrigues. Observando as notícias policiais dos três jornais, veremos um conjunto de indicações que são principalmente a gradação, feita normalmente por uma sequência de adjetivos que se repetem de forma obsessiva, a pontuação, prenúncio da marcação teatral e o conjunto temático. Juntamente às notícias policiais, veremos também algumas das colunas assinadas pelo autor, sendo algumas delas críticas literárias e reflexões, comparando-as com o estilo e linguagem das matérias policiais.

Observando as matérias policiais, nos guiaremos pelas sugestões, climas, indicações, aspectos rodrigueanos, que nos mostram como esse material jornalístico pode ser visto como um embrião de sua futura obra. O que foi escrito nesse período, anos mais tarde, foi reutilizado, transformando-se em obras teatrais, romances e contos. Em *A menina sem estrela*, Nelson afirma que sua experiência como jornalista, e principalmente como repórter policial o ensinou muito, e que mais tarde, influenciou todo o seu teatro (Rodrigues, 2002, p.201). Um exemplo disso é *Vestido de Noiva*, de 1943, que conta a história de Alaíde e Lúcia, irmãs e amantes do mesmo homem. Ao longo da trama, o caso do atropelamento de Alaíde é acompanhado por repórteres que, pelo telefone, passam as informações para os redatores que, por sua vez, escrevem a matéria sem nem mesmo sair do jornal. Vemos nos diálogos entre redator e repórter que apenas as informações básicas são passadas. O resto da reportagem vai sendo construída a partir da observação da movimentação ocorrida no local da tragédia, pelo velório e os familiares presentes e pelas fofocas envolvendo o acidente:

(Música cortada. Ilumina-se o plano da realidade. Quatro telefones, em cena, falando ao mesmo tempo. Excitação)

Pimenta – É o Diário?

Redator – É.

Pimenta – Aqui é o Pimenta.

Carioca-Repórter - É A Noite?

Pimenta – Um automóvel acaba de pegar uma mulher.

Redator de A Noite – O que é que há?

Pimenta – Aqui na Glória, perto do relógio.

Carioca-Repórter – Uma senhora foi atropelada.

Redator do Diário – Na Glória, perto do relógio?

Redator de A Noite – Onde?

Carioca-Repórter – Na Glória.

Pimente – A Assistência já levou.

Carioca-Repórter – Mais ou menos no relógio. Atravessou na frente do bonde.

Redator de A Noite – Relógio.

Pimenta – O chofer fugiu.

Redator de Diário – O.K.

Carioca-Repórter – O chofer meteu o pé.

Pimenta – Bonita, bem vestida.

Redator de A Noite – Morreu?

Carioca-Repórter – Ainda não. Mas vai.

Nosso principal objeto de análise, as reportagens policiais, retratam bem como era feito o jornalismo policial da época. Como vimos anteriormente, os poucos recursos tecnológicos e a não obrigatoriedade com a objetividade e a precisão faziam do texto jornalístico uma mistura entre ficção e realidade. Contribuíam ainda para as altas doses ficcionais presentes nas matérias especificamente policiais o fato de que praticamente não ocorriam crimes no Rio de Janeiro da década de 20. A captura de um ladrão de galinhas era uma sensação e os poucos crimes que ocorriam envolviam paixão ou vingança. Eram basicamente casos de envenenamento, pactos de morte, atropelamentos e suicídios sobre os quais, na grande maioria, nada se sabia sobre os motivos e circunstâncias. Ao repórter cabia então imaginar as possíveis razões e situações que haviam levado aos crimes. O resultado era uma imensa desproporção entre o fato ocorrido e a notícia publicada, que apresentava muita ficção e exagero da dramaticidade das ocorrências.

A desproporção entre o fato e a notícia característica do jornalismo policial do período é lembrada por Nelson em comentário sobre o trabalho do irmão Paulo Rodrigues. Seus primeiros escritos jornalísticos se referiam a fatos miúdos, quase imperceptíveis, deixando de lado as tragédias óbvias e enfáticas, para trabalhar com o fato insignificante. Paulo sabia ver num incidente de tráfego, todo o mistério e dramatismo das coisas (Rodrigues, 2002, p.34). Nelson descreve um episódio sobre nota escrita pelo irmão:

Eu me lembro da nota que fez sobre o episódio da cusparada. Com uma meia dúzia de linhas, transmitiu ao incidente uma tremenda força lírica. Eis o fato: - um

cidadão, que ia numa Mercedes-Benz, teve vontade de cuspir. Verifica, porém, que alguém o olha, no taxi, ao lado. Deu-lhe uma espécie de escrúpulo, cerimônia, pudor ou sei lá. E resolveu esperar das duas uma: - ou que a Mercedes ultrapassasse o táxi ou que este ultrapassasse a Mercedes. Nem uma coisa nem outra. Os dois carros corriam juntos e juntos param no mesmo sinal. O passageiro do táxi não tira os olhos. O outro imagina: “Sabe que eu vou cuspir”. E pergunta de si para si: - “Cuspo ou não cuspo?”. Entupido de saliva, rala-se de uma ira homicida e impotente. A coisa podia acabar em tapa, tiro, talvez em morte.

Casos como este, insignificantes, serviam muitas vezes de material para que o repórter policial, principalmente um Rodrigues, criasse toda uma trama envolvendo drama e morte. É interessante lembrar que a maneira dramática de escrever de Nelson era uma característica da família. Como vimos no exemplo de Paulo, pequenas histórias, simples enredos, podiam se transformar em verdadeiros dramas.

O envolvimento de Nelson com o jornalismo começou desde cedo. Ainda criança, frequentou o jornal enquanto ia sendo criado dentro do clima da época: vizinhas gordas na janela, fiscalizando a vida dos vizinhos, solteironas ressentidas, viúvas tristes, com as pernas amarradas com gazes por causa das varizes, velórios feitos em casa, com viúvas chorando desesperadamente pelo defunto. Muito do que Nelson guardou em sua memória desse cenário serviu mais tarde para a criação de seus personagens. Suas obsessões e fascínios vêm desde a infância: a morte, tantas vezes presenciada nos velórios feitos na rua onde morava, os casos de suicídio, as traições de jovens moças, sempre comentadas pela vizinhança, a nudez feminina, primeiro e marcante espanto da infância, os ataques de ciúmes de seu pai por sua mãe e as tantas tragédias que acometeram membros queridos da família. Também a leitura de romances onde prevalecia a temática de amores impossíveis que terminam em morte contribuíram para a formação da fértil e trágica imaginação.

Em 1927, aos quinze anos, Nelson começou a trabalhar na *Manhã*. O jornal completara dois anos e inaugurava a nova sede em frente à Galeria Cruzeiro. Conduzido pelo irmão Milton, começou a trabalhar na secção de polícia. Foi lá que adquiriu larga experiência, exercitando a imaginação em reportagens sobre atropelamentos, assassinatos e pactos de morte. Como vimos, o jornalismo

policial da época retratava basicamente os *fait-divers* ocorridos na ainda tranquila cidade do Rio de Janeiro. Muitas das situações serviram de fonte de inspiração para seus futuros trabalhos. Um delas, tratava sobre um argentino sádico que furara com alfinete os olhos do canário. A história ressuscitaria, anos depois, em um dos contos de *A vida como ela é*.

Observando as reportagens reunidas nas pesquisa de Caco Coelho percebemos uma grande semelhança das notícias policiais com a crônica. Considerada por muito tempo como um gênero menor da literatura, a crônica consiste em uma narrativa curta, geralmente partindo de um fato real que será comentado pelo autor. O jornal é o espaço originalmente destinado à publicação da crônica que, ao se referir aos acontecimentos da vida cotidiana, utiliza o humor, uma linguagem leve e informal, diálogos e personagens que podem ou não ser imaginários. Apesar de baseada na realidade, a crônica se caracteriza pelo fato de não ser uma mera transcrição, mas uma visão recriada dessa realidade por parte da capacidade ficcional do autor. Partindo de ocorrências policiais do dia a dia da cidade, Nelson dá um tratamento de crônica a tais acontecimentos, incrementando-os com generosas doses de ficção. São marcas dessas crônicas o tom bem humorado e sarcástico e os diálogos imaginados.

Jorge Sá, ao comentar a crônica, declara que, inicialmente, no tempo de João do Rio (1881-1921), havia no jornal uma pequena secção quase que informativa, onde eram publicados pequenos artigos, contos, ensaios breves, tudo que informasse ao leitor sobre os acontecimentos do dia ou da semana. Essa secção recebeu o nome de folhetim. Mas Paulo Barreto, percebendo que a modernização da cidade exigia uma mudança de comportamento por parte daqueles que escreviam sobre ela, construiu uma nova sintaxe, mudando o enfoque, a linguagem e a própria estrutura do folhetim. Com a transformação, o autor deu à crônica uma roupagem mais “literária”. Em vez do simples registro formal, temos o comentário de acontecimentos – de conhecimento público ou não – pelo ângulo da recriação do real. Jorge Sá afirma que “quem narra uma crônica é o seu autor mesmo, e tudo o que ele diz parece ter acontecido de fato, como se nós, leitores, estivéssemos diante de uma reportagem” (Sá, 1987, p.9). E de fato, ao lermos as matérias de Nelson, é como se estivéssemos diante de reportagens que vão muito além da simples informação. Mais ainda, são crônicas que muito se aproximam do estilo folhetim.

Uma das definições sobre a crônica refere-se ao fato de que ela “é justamente a junção da literatura e do jornalismo”. Nada mais apropriado para nos referirmos às notícias policiais de Nelson. Encontramos o jornalismo policial do jovem autor, baseado em fatos reais, associado à sua literatura característica, recheada de adjetivos.

O momento em que começou a escrever matérias policiais coincidiu com a entrada na adolescência. A solidão tornou-se sua maior aliada e os livros seus principais companheiros. Ficava horas desaparecido com livros, que tomava emprestado da estante de seu pai e de seu irmão mais velho (Castro, 1992, p.41). Seu universo de adolescente foi inundado por grandes paixões, tramas em que os sentimentos são exarcebados e os dramas da vida, todos lidos em romances-folhetins.

Nas reportagens do jornal *A Manhã* os fatos ocorridos na cidade eram contados de maneira romanceada e com um excesso de sentimentos perpassando todos os detalhes. Nelson portanto não se limitava a noticiar as ocorrências policiais, mas recriava as histórias, fatos e personagens, imaginando possíveis diálogos. Lembrando sobre sua primeira notícia policial, Nelson comenta (Rodrigues, 2002, p.189):

Ainda me vejo na redação, com os meus treze anos, nome na folha e ordenado de trezentos mil-réis, escrevendo a minha primeira nota. Não vou esquecer nunca: - era uma notícia de atropelamento. Eu me torturei como Flaubert fazendo uma linha de Salambô. E a prosa saiu-me (...)

“Como é que acabo a notícia?” é o que me pergunto. E, súbito, brota uma idéia que a mim próprio surpreendeu. No Brasil, quando alguém morre na rua, aparece uma vela acesa, ao lado do cadáver. Ninguém sabe, e jamais saberá, quem a pôs ali, quem riscou o fósforo, quem deixou aquela chama que vento nenhum apaga. É um uso brasileiro, que as gerações preservam, piedosamente. E eu me lembro de terminar com uma menção à vela. Primeiro era só a vela e a respectiva luz. Em seguida comecei a enriquecer a idéia. Podia dizer que uma senhora, vestida de preto, acendera uma vela etc, etc.

As matérias policiais do jornal apresentam formas que apontam para o começo do que seria futuramente *A vida como ela é*. O assunto policial é deixado de lado no início da narrativa, que começa contando histórias de amores ideais.

Tudo corre bem, a vida parece ser um mar de rosas, até que “um dia...” os problemas tomam conta da vida do casal. O amor infindo é posto à prova e, ao final, só parece haver uma saída, a loucura trágica, o gesto tresloucado, o suicídio. Sonhos desfeitos que terminam tragicamente aparecem repetidas vezes no jornal e em muitos, com o mesmo desenvolvimento, os mesmos fatores determinantes, as danças e as juras de amor. Ao comentar sobre essas matérias, Caco Coelho procura mostrar ao leitor que o estilo característico de Nelson já estava presente, a adjetivação inesgotável, um permanente cuidado com a pontuação, e principalmente a temática típica de *A vida como ela é*. O autor portanto já exibía as obsessões e o apuro da linguagem que o transformariam em um dos grandes renovadores da literatura brasileira.

Uma das principais obsessões, o amor ligado à morte, aparece em matérias como “Um açougueiro sentimental / Agredido a faca quando recitava Baudelaire”(maio,1928) e “Como um desvairado, agarrou uma jovem e beijou-a loucamente”(maio,1928). Em ambas as notícias, homens apaixonados são assassinados ao serem rejeitados por belas jovens. Observando a linguagem em um trecho da primeira matéria, percebemos o estilo de Nelson, como as duplas de substantivos (ânsia/vontade), adjetivos (imprecisa/vaga e maviosas/cristalinas), e verbos (dominava-o/tornava-o) e a tríade sentimental, romântico, artista (se encaminha do mais vago ao mais preciso):

O Manuel estava, ontem, sacudido de exaltações frenéticas. Desde que se erguera da cama, uma ânsia, uma vontade de qualquer coisa, imprecisa e vaga, dominava-o, tornava-o febril e arquejante.

Embora fosse açougueiro, isso não o impedia de ser um sentimental, um romântico, um artista. Sua sensibilidade, finíssima, era um ninho de maviosas e cristalinas emoções estéticas.

Ser testemunha do amanhecer, da aurora cheia de sangue, era para o Manuel um prazer indefinível, enlouquecedor.

A reportagem se desenvolve no Mangue, local muito frequentado por Nelson desde jovem. Cenários, personagens e situações que fizeram parte de sua vida são encontrados constantemente em suas obras. Todos eram fontes de inspiração tanto para suas obras teatrais como para as reportagens policiais. Da

mesma forma autores lidos por Nelson também serviam de inspiração, como é o caso de Baudelaire nesta reportagem e Raimundo Correia (Nelson reproduz um trecho do poema “As pombas”). O trecho, referente a “aurora cheia de sangue” foi lembrada por Nelson no livro *A menina sem estrela* (2002), onde o autor comenta sobre a primeira redação que fez na escola. Escrita para a professora, um de seus primeiros amores, Nelson começou com “a madrugada raiava sanguínea e fresca”, demonstrando como, ainda criança, começava a apresentar seu gosto por uma literatura dramática. Lembrando do episódio, Nelson diz que, depois da frase plagiada inicial, passou do soneto para a mais deslavada *A vida como ela é*.

Por isso escrevi que, ali, comecei a ser Nelson Rodrigues. A vida como ela é...é muito anterior à Última Hora, a Samuel Weiner. Data de 1922; nasceu de um plágio, na sala do quarto ano primário da escola pública. Com oito anos incompletos, eu contava um adultério, com todos os matadouros. O marido saía e a mulher, nas barbas indignadas dos vizinhos, chamava o amante (...) Lembro-me de que a composição terminava assim: - Acabou de matá-la a pontapés” (Rodrigues, 2002, p.143).

A estrutura de todas as matéria não assinadas é a mesma. O início começa com uma introdução sobre os aspectos gerais da vida dos personagens ou da cidade. Depois há um desenvolvimento da história – em algumas há subtítulos, apresentando a mesma divisão de *A vida como ela é...* – e só no final, o relato mais concreto dos fatos. As providências tomadas pela polícia e hospitais, e os endereços onde ocorreram os crimes são dados apenas nesse último momento. A estrutura portanto subverte completamente a ordem adotado pelo jornalismo a partir dos anos 60.

Na segunda matéria, sobre o “louco desvairado”, uma jovem empregada de um botequim é assediada por um freguês que, ao final, é morto com cinco tiros. O final da reportagem é interessante e diferente de todas as outras, pois o autor faz uma leve crítica à polícia, que tardou a aparecer ao local do crime: “Inimiga da prevenção, a polícia chegou para reprimir. Mas reprimir o que? Não reprimiu coisa alguma, porque não se sabe sequer quem deu os tiros...”. Tal crítica não é comum nas reportagens policiais do autor que, mesmo falando de temas trágicos como assassinatos, sempre se utiliza do humor para falar da violência. Vemos ainda nessa reportagem uma aproximação mais explícita com o estilo folhetim. Os

subtítulos dramáticos, os diálogos, o suspense, a luta, a morte final do vilão e a salvação da mocinha, levam a matéria para o ficcional, se aproximando claramente do estilo dos contos de *A vida como ela é*. Personagens obsessivos que cometem atos de loucura por amor são uma constante nos contos.

Ao contrário do estilo folhetim da maioria das matérias, uma, publicada em maio de 1928, é a que mais se aproxima da realidade. Intitulada “Delenda, Favela! ... Mas a Favela resiste!.. / Uma reportagem noturna feita pela *A Manhã* na famosa colina” faz um retrato da vida no morro e do preconceito da sociedade. Repórteres sobem o morro e entrevistam moradores sobre a proposta do prefeito de colocar o morro abaixo. Ao contrário da maioria das matérias publicadas, nessa encontramos referências no texto sobre o próprio jornal, apresentando um aspecto mais de reportagem e menos de folhetim. Vemos isso em um dos subtítulos “A reportagem da *Manhã* visita os proletários do ninho de passarinhos” e no trecho onde homem será entrevistado: “Chegou até perto de nós, olhar desconfiado, atitude de defesa. Mas acalmou-se logo ao saber que pertencíamos a *Manhã*. E falou”. Vemos que há pouco drama (presente apenas nos subtítulos) e ficcionalização na reportagem, o que a aproxima mais do jornalismo objetivo e preciso que se passou a fazer a partir dos anos 60.

O cenário dos morros cariocas também aparece retratado em outra reportagem, dessa vez, explicitamente seguindo o modelo folhetinesco. “Num terrível acesso de fúria / Uma cena de sangue no morro do Salgueiro” apresenta o caso de Paulo, que num acesso de loucura toma veneno. A frase inicial já nos lembra Nelson: “Era um homem são, bom e trabalhador”. A sucessão de adjetivos é uma das características do autor, como “furioso, apoplético” e “triste, taciturno”. Também as alianças inesperadas são outras marcas de Nelson, como é o caso nessa matéria da expressão “feroz mutismo”. No desfecho da notícia, a tragédia envolvendo a esposa e sogra de Paulo, atacadas a facadas pelo próprio marido e genro: “Ontem, pela manhã, quando todos, ainda aguardavam no leito, um grande e surpreendente episódio ensaguentou a manhã daquela pobre gente”. O tema da loucura, misterioso e emocional, parece encantar o autor. Tudo aquilo que possa falar da alma humana, principalmente suas excentricidades, o amor e a loucura, a violência e a sexualidade, é privilegiado pelo autor. E ao observarmos tais elementos nas reportagens policiais, vemos que não foram pensados somente na construção dos personagens das obras teatrais e dos contos de *Vida como ela é*.

Tudo na obra de Nelson parece ter uma conexão, uma ligação com alguma lembrança ou experiência vivida principalmente em sua vida pessoal, com a família, amigos e amores, e sua vida como repórter policial. No caso da loucura, Nelson, ainda criança, teve o primeiro contato com a estranha doença quando morava na rua Alegre, Aldeia Campista. Suas vizinhas eram uma senhora portuguesa e sua filha, de 25 anos, louca. Histórias comentadas pela vizinhança sobre a louca tomando banho e perambulando nua pela casa marcaram o jovem Nelson. “Por muitos dias e muitas noites aquilo não me saiu da cabeça. Imaginava a nudez insone, nudez delirante, rodando pelo quarto” (Rodrigues, 2002, p.24).

Alguns elementos presentes nas reportagens policiais indicam a autoria de Nelson, não por sua relação com suas vivências e memórias, mas pela semelhança que guardam com suas futuras obras reconhecidas. É o caso da matéria “Filha desnaturada / Censurada pelo pai, um ancião, agrediu-o barbaramente”(maio de 1928) que segundo Caco Coelho, apresenta semelhanças com o romance *O casamento*. O repórter escreve sobre a desobediência de uma filha, que ameaça agredir o pai caso esse se meta em seu namoro. Expressões como “esbugalhou os olhos, “bordoada de criar os bichos” e “gaguejou umas desculpas” demonstram que o mecanismo do patético e do humorístico já estava em execução (Coelho, 2004, p.40).

Um dos temas característicos de Nelson Rodrigues, o suicídio, aparece em grande quantidade em *A Manhã*. Das pequenas notas às grandes reportagens, o suicídio está presente em suas mais variadas formas: afogamento, tiro no peito, atropelamento e o principal: envenenamento. Na matéria “Porque amasse muito, a pequena telefonista quis morrer / a tragédia amorosa da pequena telefonista” (maio, 1928), temos, nas palavras do autor, “uma tragédia formidável”. Lizette, aquela “alminha em flor”, iludida no amor – descobre que o amante era casado - se mata com um tiro. A jovem inocente, “naquela idade encantadora em que a mulher não sabe bem o que quer”, sofria por amar demais. O amor que leva à morte, temática tão comum a Nelson, é contado através da vida pura e inocente da telefonista de “olhos de azeitona madura, olhos liquefeitos em imensas ternuras, dezesseis primaveras floridas em maio”. A frase tipicamente rodrigueana explicita a tragédia amorosa: “Sou hipócrita porque amei!”. A sucessão de adjetivos: “boa índole, de gênio alegre e folgazão, em pouco tempo a gentil mocinha angariava simpatias na Ligth” e frases exclamativas, representantes do drama interno por

qual passa o personagem - “Um grito da alma! Um grito que é toda uma revolta infinda, também, quanto o sentimento que se albergava no seu coração todo feito de imensa ternura”- indicam o melodrama e a linguagem rebuscada de Nelson. É interessante perceber que, em determinado momento, informações sobre a telefonista são dadas através de frases curtas, que pouco a pouco descrevem dramaticamente a situação, de maneira muito semelhante a de Gil Gomes, em seu programa de rádio sobre notícias policiais:

Os homens não vêm com bom olhos a felicidade alheia.

Sentem o despeito do bem que não possuem.

São ladrões das emoções dos outros. E se não podem roubá-las, aniquilam-as...

Lizette de Oliveira Lima.

Uma mocinha, gracil como uma palmeira esguia.

Olhos de azeitona madura...

Olhos liquefeitos em imensas ternuras.

Um tesouro de carinho, na expressão do rosto bom.

Dezesseis primaveras floridas em maio.

Telefonista da Light

Ainda na temática do suicídio, chama a atenção a curta notícia “Qual Madalena... aos pés de Cristo / Assim finalizou uma odisséia” (agosto, 1928). A jovem de 22 anos, moradora de um prostíbulo, abandonada pela vida, pelo marido, desiludida, atea fogo ao próprio corpo diante de um crucifixo onde, “envolta em chamas, contorcendo-se horrivelmente, a desgraçada imprecava a Deus perdão”. A trágica morte no fogo é recorrente em várias notícias e fazem parte da memória de Nelson que, como acontece na história dessa reportagem, presenciou quando jovem caso semelhante. Nelson conta que a jovem moradora do subúrbio combinara com o namorado morrerem no mesmo dia, em determinada hora marcada. Depois de tranquilamente conversar com a mãe e as irmãs, se retirou para o quarto, ligou para o namorado e ateou fogo ao próprio corpo. Em chamas, a jovem correu pelo corredor da casa, indo morrer no fundo do quintal (Rodrigues, 2002, p.200).

Matérias curtas como a anterior, que relatam suicídios em geral, dando apenas as informações básicas – sem deixar de lado o estilo melodramático - são encontradas em grande quantidade, como em “Trágico gesto! / matou-se sob as

rodas de um trem expresso, em Deodoro” (julho, 128). Nesses casos, não há um grande desenvolvimento da reportagem, se limitando o jornalista a escrever principalmente títulos dramáticos.

Suicídios precedidos por assassinatos também são recorrentes nas reportagens policiais. É o caso de “Abandonada pelo autor de seu martírio, envenenou a filha e suicidou-se” (maio, 1928). A reportagem é sobre uma jovem pobre que sonhava em se casar e ter muitos filhos, mas que, enganada pelo amante e grávida, se suicida. Temática onde os martírios da vida só encontram alívio na morte é outra forte característica da ficção de Nelson. E, mais uma vez, as razões dos martírios são desilusões amorosas. A divisão da matéria se dá como nos romances melodramáticos e como nos contos de *A vida como ela é*: “Foi numa festa”, “O grande amor”, “A derrocada dos sonhos”, “Começa a desventura”, “Teresinha” (a filha que nasce), “Sonhando com a morte”, e finalmente “As duas mortes”. Os recursos e tramas são exatamente os mesmos do melodrama tradicional: a moça pobre e honesta que se apaixona por homem rico (a heroína), o nascimento de um filho selando a felicidade do casal, o abandono da moça pelo amante que se mostra cruel e impiedoso (o vilão). Ao final, a conclusão característica das obras de Nelson: “A infeliz só encontrava para o problema de sua desdita uma solução: a morte”. O trecho final e dramático explicita o melodrama:

Depois de beijar, soluçando e chorando, a sua querida Teresinha, destampou o frasco do veneno e, abrindo a boca da inocente, lá despejou grande quantidade do tóxico. A pobrezinha deu um grito horroroso. A desvairada mãe, então, por sua vez, levou o frasco aos lábios, bebendo o conteúdo restante. Caiu, em seguida, em convulsões estertóricas.

O contato de Nelson com o suicídio cometido por amor se reflete nesta e em outras reportagens. A primeira vez em que se deparou com situação semelhante – e que provavelmente lhe serviu de inspiração - foi em 1917. Nelson conta que foi nesse ano que presenciou um homem tomar veneno no balcão da farmácia. Ele o via passar todas as tardes com a noiva, até que em uma ocasião, os dois brigaram. A frase que o jovem Nelson conta ter escutado: “Olha, amanhã você vai ao meu enterro” (Rodrigues, 2002, p.29) o marcou. A reação dramática

da família que se seguiu à morte também marcou Nelson que, saudoso, afirma que hoje não se vê mais um velório convulsivo e esganiçado como os de antigamente. Comentando sobre o caso que vimos da jovem que, em pacto de morte com o namorado ateou fogo ao corpo, Nelson afirma que “para além da praça Saenz Pena, os mortos são muito mais chorados”. Morador durante boa parte da infância dos subúrbios cariocas, Nelson sempre teve contato direto com velórios onde viúvas delirantes e amantes misteriosas choravam ao lado do caixão. Ele diz que “hoje, pode-se dizer que o ataque está entre os velhos fenecidos usos cariocas. Nem a catástrofe justifica o ataque. Ninguém tem mais clima interior para bater com a cabeça nas paredes e agredir portas, mesas e cadeiras” (Rodrigues, 2002, p.199).

A relação entre amor e morte vista nas reportagens sempre esteve presente na vida de Nelson. Criança, ele já sonhava com a morte por amor. Queria morrer por amor e imaginava-se velado, florido e beijado pelas várias paixões que teve ao longo da infância. Sonhava também com a própria morte. Imaginava o velório e os pais e irmãos chorando e velando junto ao caixão. “Só de pensar em tal velório, eu mergulhava no caldeirão das delícias ferventes”(Rodrigues, 2004, p.43). A morte dos outros também o fascinava. E justamente uma das primeiras que presenciou foi a de uma personagem que faria eternamente parte de sua obra: a mulher adúltera. Moradora da rua em que Nelson vivia, uma jovem moça casada com um homem mais velho foi a primeira adúltera da vida do autor. As fofocas e o estardalhaço provocados na vizinhança aumentaram com a morte da mulher. Histórias as mais fantásticas foram inventadas, entre elas a de que o marido a obrigara a tomar veneno. A compaixão de Nelson pela infiel vem dos seus sete anos de idade, quando presenciou tal situação. O tema do adultério está presente em várias da reportagens policiais, mas mais fortemente no jornal *Crítica*. Neste, uma reportagem sobre o caso de Silvia Thibau, acusada de adultério, marcou fortemente a vida do autor. Devido à publicação da acusação de adultério, Silvia foi à redação do jornal dos Rodrigues, em busca de algum membro da família. Encontrou Roberto, matando-o com um tiro.

O sucesso de Nelson na reportagem policial de *A Manhã* foi imediato, e logo o levou a escrever na famosa página três, dessa vez assinando as matérias. Uma delas, “Uma história banal”, publicada em março de 1928. Escrita inteira na primeira pessoa, o autor começa a história: “*Não me lembro bem onde foi. Talvez*

*na esquina da rua do Ouvidor. Aquele vulto magro, esguio, humilde, aquela face descorada, lívida, riscada de rugas fundas, aqueles olhos mortos e apagados (...) os lábios secos, os peitos magros, o vestido preto, prendiam-me numa sedução de romance. Era meia noite”.*

O início descritivo, cheio de adjetivos, envolto em uma áurea de mistério, dá o tom melodramático. Nelson relata o encontro casual com a jovem mulher que, a partir do segundo parágrafo, assume o lugar do narrador e conta em primeira pessoa a história da sua vida. Da infância até a infelicidade de ser abandonada, grávida, pelo homem que amava, a temática folhetinesca lembra a fábula da Gata Borralheira, que depois da morte do pai, sofre ao ir viver na casa da madrasta.

É interessante constatar que “Uma história banal” apresenta grande semelhança com o estilo das matérias policiais que temos observado. Assim como acontece nestas, o tema amoroso é o ponto principal. Uma das diferenças está na estrutura do texto que não apresenta divisões, com subtítulos, como observamos antes, (a divisão por subtítulos, típica do folhetim, constituía-se numa das características das matérias policiais) e a linguagem mais contida. Sem grandes exageros dramáticos, Nelson imagina a história de amor que pode existir por trás de uma história banal. Observando a data da publicação desta matéria, março de 1928, percebemos que ela foi escrita no mesmo período em que o autor também escrevia as matérias policiais. A grande diferença é que nestas últimas era permitido ao repórter os exageros de linguagem.

A linguagem de “Uma história banal” apresenta aspectos característicos do melodrama, ao descrever dramaticamente as situações vividas pela jovem. Marcas do futuro estilo dramático de Nelson podem ser observadas, como combinações inesperadas, onde um portão “geme dolorosamente”: “Desde que atravessei o limiar do portão alto e pesado, que gemeu dolorosamente ao ser aberto à nossa passagem, perdi minha alegria”. Também metáforas dos mais variados tipos estão presentes, como no momento em que a jovem, sofrendo na casa de campo do tio, conhece Paulo, que se tornaria seu grande amor: “Então, novamente, encheu de luz o meu organismo uma saúde robusta, floresceu na minha alma uma alegria intensa e transbordante, e duas pétalas de rosa enrubeceram minhas faces”.

A formalidade característica das matérias assinadas de *A Manhã* passa a ser mais explicitamente observada a partir da segunda reportagem. Elas seguem

uma linha completamente diversa, muito longe das histórias de amor. São reflexões sobre os mais variados assuntos: artistas, intelectuais, críticas de livros e acontecimentos variados. Além da temática, a linguagem culta passa a ser a principal diferença com relação às matérias policiais. Nestas, Nelson se permitia cometer extravagâncias e exageros melodramáticos e trágicos. A partir do momento em que começa a assinar seus artigos, os vãos da imaginação do autor abrem espaço para os vãos da reflexão e da crítica intelectual. Através do refinamento da linguagem, Nelson começa a apresentar uma nova fase de amadurecimento.

### 3.3

#### **Crítica**

O estilo dos romances de folhetim presentes nas matérias policiais de *A Manhã* se consolidaram e se estabeleceram definitivamente como um sucesso de público no próximo jornal da família Rodrigues, *Crítica*. O espaço para o folhetim se solidificou e as matérias publicadas se dividiam entre grandes reportagens ocupando toda a página oito, as publicadas em geral no interior do jornal e onde o estilo de Nelson é mais nitidamente percebido, e as pequenas notas sobre suicídios. Os casos vão de atropelamentos a assassinatos violentos, adultérios que terminam em tragédias e relações incestuosas. A temática continua a mesma e a linguagem utilizada é caracterizada pelo exagero de adjetivos, na sua maioria inusitados, contribuindo para o aumento da ferocidade e da violência das ocorrências.

As reportagens onde o estilo de Nelson é mais nitidamente identificado são aquelas onde a introdução abre com o relato de um período distante da vida do sujeito, em algum lugar, onde tudo aconteceu: a vida apaixonada e o mar de rosas até a devastação de tudo pelo terrível cotidiano, levando a uma vida que não serve mais para nada, a não ser para a morte. A destruição do amor para Nelson significava a morte. Sem ele, não havia porque viver. Por outro lado, a presença do amor levava a sonhar com a morte, mas a morte ao lado do ser amado. A relação de Nelson com o amor fez com que fizesse declarações que se repetiriam ao longo de seus trabalhos: “Todo amor é eterno e, se acaba, não era amor”, “Quem nunca desejou morrer com o ser amado não amou, nem sabe o que é

amar”. Quando se casou com Lucia, disse: “Nem a morte é a separação” (Rodrigues, 2002, p.47). O drama do amor apareceria também em título de crônica, *Pouco amor não é amor*. Essa idealização do amor e da sua consequente eternidade, assim como de sua tragicidade, poderia estar ligada em parte à visão sobre o amor feita pelo romantismo, estilo literário apreciado por Nelson. Tal relação mórbida está fortemente refletida em sua obra, constituindo-se em uma das principais obsessões.

O amor é a principal causa das mortes relatadas nas reportagens de *Crítica*. Algumas são em matérias sobre suicídios, como a intitulada “Quiz morrer/e para isso ingeriu mercúrio” (novembro de 1928). Nela, uma jovem de 20 anos procura a “verdadeira vida dos desgraçados: a morte”. Não se sabe o motivo, mas diz o repórter que possivelmente amores mal compreendidos a levaram a cometer o “gesto de louca”. Não apenas a temática nos parece rodrigueana, como também a linguagem melodramática e metafórica: “*Aquela nota triste na vida ruidosa de Anchieta está ainda indecifrável. Precipita Isabel, nos seus risonhos 20 anos, era ainda a promessa de vida. Era na localidade conhecida pela sua vida simplória e, principalmente pelo sorriso que, constantemente, bailava em seus olhos, olhos de feiticeira*”. Observamos ao longo da matéria expressões características: “gesto de louca”, “olhos de tentação” e exclamações como: “A vida assim é tão desgraçada!”, assim como finais sombrios e melodramáticos: “Já era tarde quando a socorreram. Encontraram-na morta e rictus da morte era talvez seu último sorriso”, também indicam elementos nitidamente ao estilo de Nelson.

Mas é principalmente em casos de pactos de morte que a relação amor e morte aparece mais fortemente. Esses eram os preferidos de Nelson e os colegas de redação, sabendo de sua fixação, logo o mandavam cobrir os casos. De posse dos dados essenciais, Nelson viajava pelo tema da paixão impossível e eternizada pela morte, com requintes de descrição. A matéria “Quizeram morrer juntos no lago das Parasitas” (junho, 1929) foi um desses casos. Passado no “recanto pitoresco para os que querem morrer pelo amor”, a Quinta da Boa Vista, o repórter descreve a história dos que “sentem a vida asfixiante, torturados ou atazanados pelas dúvidas que canceram a alma ou pelas decepções...”. Muitos de seus famosos contos de *A vida como ela é*, contam casos de pactos de morte. Em “Pacto de pecado e de morte” (*A coroa de orquídeas*, 2001, p. 151) um jovem casal, atormentado pela impossibilidade de seu amor, decide se matar: “Queres

um pacto de morte? Escuta: tenhamos uma tarde, uma noite de amor, e, em seguida, a morte, compreende? Eu morreria mil vezes para viver uma hora, meia hora contigo! Queres? Seria lindo, não seria?”

Seja em matérias sobre envenenamentos, seja sobre pactos de morte, não há dúvida de que o suicídio é o tema predominante das matérias policiais de *Crítica*. Praticado na grande maioria das vezes por mulheres, ele está presente na reportagem “Uma página de romance / A saudade do outro levou-a à morte”, (novembro, 1928) onde jovem, em “gesto tresloucado” se mata depois de perceber que realmente amava o marido que abandonara: “Deixa o marido; une-se a um outro, mas compreende afinal que só um homem a empolgava de fato – o primeiro que desfrutara as premícias do seu amor”.

Em “Até na morte ocultou-se um desgosto / o suicídio de uma rapariga em Copacabana” (novembro, 1928), temos o caso de Constância de Santana, cozinheira em residência de Copacabana, encontrada morta após ingerir grande quantidade de creolina. A partir dessas informações básicas, o repórter desenvolve a trama, enchendo de drama a história da jovem com frases como “As lágrimas, porém, sabia esconde-las, bebe-las no coração, aquela criatura cuja epiderme se recobria da cor do azeviche que é a própria cor do luto e da desgraça que envolvia um coração”. A descrição da jovem, como nas obras de Nelson, é recheada de drama e definições melodramáticas inesperadas. Ele segue: “Constância (...), que assim sofria ocultamente, quando a seiva dos 25 anos de idade dá toda confiança as criaturas, chorava dentro dos olhos a sua desventura”. Como é comum nas matérias policiais (sobretudo nas radiofônicas), interrogações feitas pelo narrador são intercaladas à trama: “Mas afinal, que mágoas punham sua alma?”, levando à resposta trágica: “...a tragédia oculta se aproximava do fim, que ela nunca buscava – o suicídio”. Mais adiante, expressões como “alegria fugace” e “solilóquio” demonstram ainda o estilo de Nelson de, em meio a uma linguagem informal, de fácil entendimento, inserir adjetivos e substantivos cultos. O autor segue, relatando “os gemidos lancinantes” ouvidos no momento da morte da jovem, que morreu “como queria, guardando no segredo mais impenetrável o grande desgosto que a atormentava”.

Assim como vimos em reportagem de *A Manhã* sobre caso de suicídio onde uma mulher põe fogo ao próprio corpo, aqui, em *Crítica*, encontramos caso muito semelhante em “Desgraçada no amor, buscou a morte” (setembro, 1929). A

notícia é sobre Modesta, jovem que, iludida no amor, e depois de tentativa frustrada, se suicida ateando fogo às roupas encharcadas de querosene. A falta de detalhes mais precisos por parte do repórter se reflete nas poucas informações a respeito dos motivos que levaram ao suicídio. A reportagem faz apenas uma alusão a um possível “romance tristemente vivido”. Já no início da matéria, ao descrever Modesta, vemos uma das alianças inesperadas típicas de Nelson, ao se referir à rapariga de “dolorosa beleza”. Após voltar para a casa da mãe, Modesta enfrenta a vergonha e os olhares maliciosos da vizinhança. Esta era uma situação característica dos subúrbios da infância de Nelson, onde dependuradas nas janelas, vizinhas gordas com as pernas envoltas em gazes, não perdiam tempo em bisbilhotar a vida alheia, reprovando fortemente casos amorosos suspeitos. Ao final, a metáfora e a adjetivação trágica: “ (...) na manhã de anteontem, encharcou de kerosene as vestes e ateou-lhe fogo, consumindo-se – triste vela humana – entre chamas devoradoras”. Os contos do autor estão cheios de casos que terminam com algum personagem se contorcendo em chamas. Um deles, “Feia demais” (*O homem fiel e outros contos de A vida como ela é*, 2003, p.133) é a história de Jacira, moça de extrema feiura que sofria todo tipo de humilhação por causa de sua aparência. Até que um dia, não aguentando mais as constantes discriminações por parte de todos à sua volta, até mesmo o marido, o drama termina tragicamente: “*Esperou que Herivelto mergulhasse no sono de embriagado. Então, já serena, derramou álcool em cima dele e riscou o fósforo. Por entre chamas, ele se revirava, se contorcia, como se tivesse cócegas. Fugiu, uivando, perseguido pelas labaredas. Vizinhos atiraram baldes de água em cima dele. Herivelto morreu, porém, ali mesmo, nu e negro*”.

Uma das obsessões conhecidas de Nelson, o mar, também aparece como principal cenário para o suicídio. Em “Buscou a morte nas ondas / o impressionante suicídio de um rapaz em Copacabana” (novembro, 1928), temos a morte de um rapaz de 18 anos que, para surpresa geral, depois de despir-se, “entrou sorrindo, mar adentro”. Nesse caso, temos uma matéria comprovadamente escrita por Nelson que, em *A menina sem estrela*, escreve sobre a morte de um caricaturista “tragado pelas ondas”. Nelson diz que, anos mais tarde, fez da imagem do jovem morto, uma de suas tragédias (Rodrigues, 2004, p.179). O repórter Nelson divaga ao longo da reportagem sobre o que teria levado o jovem a se atirar ao mar. “Qual seria afinal, a sedução que o arrastava? Era a própria

sedução da morte!”. A descrição do mar, com suas ondas revoltas, até o beijo final da morte, selado no “vortilhão das ondas” constroem a triste história ocorrida no mar de Copacabana. Assim como o amor se relacionava com a morte para Nelson, também o mar possuía a trágica qualidade: “*Tenho uma poucas obsessões que cultivo, com paciência e amor. Uma delas é o mar. Qualquer praia vagabunda, mesmo a de Ramos, tem para mim um apelo mortal. Às vezes, penso que já morri afogado em vidas passadas ou morrerei afogado em vidas futuras. Gosto até de cheiro de peixe podre*” (Rodrigues, 2002, p.16)

A linguagem utilizada por Nelson nas reportagens policiais é coloquial e se assemelha a uma conversa. As interrogações que vimos em algumas matérias são a prova dessa conversa estabelecida com o leitor. A todo momento o repórter pergunta o que teria levado tal sujeito a praticar tal crime, “amores mal compreendidos? É possível”, “mas afinal, que mágoas punham sua alma?”. A resposta às interrogações muitas vezes se seguem às perguntas, explicitando claramente a opinião do redator da matéria e mostrando que, a imparcialidade, característica do jornalismo de hoje, não era então uma necessidade. Notava-se um clima de intimidade na escrita que envolvia o leitor na trama que, como no romance policial, se vê intrigado, buscando juntamente com o narrador, descobrir os motivos do crime. A morte era fascinante para Nelson, mas também para os leitores.

Ao mesmo tempo em que utiliza uma linguagem informal, Nelson também faz uso da linguagem culta, como vimos nas matérias assinadas de *A Manhã*. Nos casos das reportagens policiais, observamos a alternância entre ambas as linguagens. Ou ainda, em alguns casos policiais, a temática é popular (amor, morte, assassinato) e a linguagem é rebuscada, cheia de adjetivos preciosistas. A matéria “A Vingança de madame / Apanhando o marido em flagrante adultério, traí-lo nu, bem como a amante, até o jardim de um lindo palacete na Tijuca” apresenta essas características:

Um verdadeiro ludíbrio do coração que ardia nas escutas das paixões mais abrasadoras, dentro de um tórax de mulher, fez com que, sublevada a alma da criatura ferida nos seu amor, não mais comportasse nas suas represas interiores o socalcado desejo de vingança na manhã de ontem, quando o sol do verão abria um sorriso entre o céu e a terra, banhando de ouro o casario da cidade.

Além de alternar o coloquial e a linguagem culta, vemos em algumas matérias indicações de que o repórter possui conhecimentos literários pouco usuais à repórteres policiais da época. Observamos anteriormente que Nelson, em *A menina sem estrela*, escreveu sobre sua primeira redação na escola, na qual cita o poeta Raimundo Correa. Na matéria “Os versos trágicos do poeta arrastaram-no a gestos trágicos / Um jovem que, de maneira impressionante põe termo à existência” (dezembro, 1928) vemos novamente a citação do poeta, no momento em que o suicida recita o “Mal Secreto”. A reportagem é sobre menino de 12 anos, adotado, que, apesar de “cercado de tanta estima, sofria de profunda neurastenia, que lhe acordava no espírito o desejo de abandonar a vida”. Além da metáfora, recurso muito utilizado por Nelson, vemos a presença da neurastenia, doença sempre muito presente na obra do autor e também muito presenciada por ele no período em que se internou no Sanatório Popular de Campos do Jordão. Lá, Nelson teve contato com os mais variados tipos de doentes que, abandonados pelas famílias, contavam uns aos outros, suas tristes histórias. Algumas delas certamente serviram de inspiração para o autor, como o caso de Simão. Depois de sofrer muitas humilhações pelos xingamentos de um chofer, Simão matou-o a tiros. Atirou na barriga, no peito, novamente na barriga e no peito. O chofer morreu espantado, sua cara não era de medo, mas de completo espanto (Rodrigues, 2002, p.132).

O adultério, tema que nos remete imediatamente aos contos de *A vida como ela é*, não poderia deixar de aparecer nas reportagens. Segundo Nelson (Rodrigues, 2002, p.68), se as novas gerações lhe perguntassem o que era *A vida como ela é*, diria que era sempre a história de uma infiel. O leitor era fascinado pelo adultério e exigia principalmente a infidelidade feminina. Nelson conta que quando saiu da *Última Hora* e acabou de escrever a *Vida como ela é*, o telefone da redação não parava de tocar, homens e mulheres queriam saber se não ia sair mais e por quê. “Dir-se-ia que o problema do brasileiro é um só: - ser ou não ser traído” (Rodrigues, 2002, p.69). A infidelidade é o tema central da reunião dos contos de *A vida como ela é – O homem fiel e outros contos*.

A matéria “Ela morreu semi-nua em frente a sua residência enquanto o amante expirava ao lado do leito dos amores ilícitos” (setembro, 1929) conta sobre caso de homem que ao descobrir a infidelidade da esposa, matou-os a tiros. Também como na reportagem anterior, a linguagem utilizada é rebuscada:

A quimera de felicidade que ele antevia num bordado enxoval de noiva, na radiação da aura branca de um altar, cuja pedrea resplandente as mãos da sua eleita, de tão puras, pudesse tocar, sem que a maculasse, no sorriso, de um filho que iluminasse mais o interior de seu lar, do que um fio de sol descido das alturas, à hora do Zenith – a doida quimera da felicidade ruiu no seu coração por obra de uma traição que lhe sublevava todos os instintos, que lhe erguia as entranhas em uma rebelião.

Em muitas ocasiões, dependendo do que Nelson extraía do material sobre uma ocorrência policial, este podia render em várias continuações, prendendo a atenção do leitor. Esse foi o caso de notícia de 1929, sobre caso de traição e incesto: “Quando encontrar minha mulher, desfechar-lhe-ei cinco tiros / Fui traído antes do meu casamento / O sedutor de minha esposa foi o próprio pai” (setembro, 1929). A matéria é escrita em primeira pessoa, pelo próprio marido traído que conta sua história para *Crítica*. Tal recurso parece ser muito utilizado pelo jornal, se aproximando do estilo do romance, onde os personagens, falando sobre seus dramas, se expressam em primeira pessoa. O caso rendeu uma continuação, com reportagem publicada um mês depois : “Vim mostrar a Caravana de Crítica o revólver com que matarei minha esposa / Mentiu o sogro ao negar o seu crime / É ele o responsável pela minha desgraça” (outubro, 1929). Nela, o homem traído pela esposa e o pai, “alimenta um sinistro intento” e, depois de desabafar nas páginas do jornal, termina se acalmando e declarando filosoficamente: “A pessoa hoje em dia, não deve pensar na felicidade. Antes de casar-se deve pensar na infelicidade. Só assim poderá encontrar a felicidade...”. Frases filosóficas eram uma constante em Nelson, principalmente as que refletiam sobre a vida e o amor, como é o caso da declaração final da reportagem. A íntima relação entre vida, amor e morte presentes em sua ficção são confirmados em conhecida declaração (*Pouco amor não é amor*, 2002):

Toda a minha obra é uma meditação sobre o amor e a morte. Toda vez que uma pessoa ama, sonha em morrer com o ser amado como uma maneira de eternizar o amor. É a luta entre o efêmero e o eterno, e todos os sentimentos que realmente valem e dão à vida uma transcendência absurda estão embebidos de morte.

A relação entre amor e morte que perpassa todas as matérias policiais do jornal se apresenta através de uma realidade romanceada e explicitamente melodramática. Tal característica fica evidente na reportagem “Uma princesa

mendiga” (dezembro, 1928), que conta o caso de jovem sequestrada por “velha e miserável mulher” que a maltratava e explorava. O que chama a atenção é que, ao final, há a seguinte nota: “A empolgante história dessa infeliz princesa mendiga virá a público por intermédio da acreditada Casa Editorial Vecchi em um atraente romance que está a sair do prelo e será publicada em fascículos”. Na verdade, trata-se da publicidade do romance, sob forma de “reportagem”.

A partir de 1930, além das reportagens policiais que temos observado, encontramos na pesquisa de Caco Coelho algumas reportagens assinadas por Nelson Rodrigues. São críticas literárias, de artes plásticas e reflexões escritas com uma linguagem e formato diferentes do estilo das reportagens policiais. Entretanto, há entre esses artigos assinados pelo autor, um que se destaca por apresentar o estilo romancado e ficcional típico das notícias policiais. Intitulada “A paixão religiosa de Maria Amélia” (julho, 1930) a matéria é escrita na primeira pessoa, na voz do personagem principal (exatamente como acontece na reportagem policial “Quando encontrar minha mulher, desfechar-lhe-ei cinco tiros – setembro, 1929) que, ao longo do texto, fala de sua paixão por Maria Amélia, a quem via todos os dias na igreja. A temática amorosa de final trágico é uma marca que temos observado nas matérias policiais. Nesta, comprovadamente da autoria de Nelson, o tema e estilo semelhantes indicam que provavelmente as anteriores também foram escritas pelo autor. Não apenas a temática, como muitas frases e expressões usados por Nelson nessa matéria nos indicam seu estilo. A sucessão de adjetivos aparece a todo momento: “impulso súbito, inconsciente”, “E, afinal, depois de uma despesa enorme de energia nervosa, caiu, desfalecida, arquejante, espumando”, “impulso insensato, inexplicável, feroz”. Também vemos as alianças inesperadas características do autor: “alegria feroz” e “alegria sádica” e as adjetivações melodramáticas “espetáculo punjente” e “pavoroso sacrifício”. Ao longo da matéria, o narrador segue falando de sua obsessão pela jovem que possuía hábitos estranhos como o de se auto flagelar com um ferro em brasa. A loucura da moça ao mesmo tempo encanta e horroriza o narrador, que se contentava em apenas contemplá-la. No entanto, um dia, seu amor se transforma: “O meu amor, então, deixou de ser contemplativo, para ser paixão carnal”. É a partir daí que o narrador torna-se um “homem odioso, depravado”. O surgimento do desejo sexual parece tornar o amor impuro, indigno, levando o homem a cometer um ato de loucura: “Levado por um impulso insensato, inexplicável,

feroz, aproximei-me dela. E diante de seu corpo inanimado, do seu pescoço branco, uma tentação infernal assaltou-me. Alcei um punhal e enterrei-o, até o cabo, em seu peito”. A simplicidade do assassinato e as motivações estranhas e sem sentido são uma constante também nas matérias policiais. Rejeições, brigas e desentendimentos são o suficiente para levar à tragédia.

As outras matérias assinadas pelo autor seguem uma linha completamente diferente da que acabamos de observar. Assim como acontecia no jornal *A Manhã*, Nelson assinou algumas matérias onde fazia críticas de livros e artistas e reflexões sobre a vida. Uma delas é “Um homem fora de moda” (agosto, 1929) onde Nelson faz uma reflexão sobre o papel do intelectual naquele momento. Diz ele que “*O acadêmico é um homem fora de moda. Hoje não se suporta mais as linhas exatas. Desde que a ‘kodac’ apareceu, a pintura acadêmica perdeu a sua razão de ser (...) as paisagens manchadas apenas, sem detalhes, sugerem um milhão de coisas*”.

Outra crítica que se destaca é a que Nelson fala sobre a vida e profissão de jornalista. Sua reflexão se volta para o jornalista e o escritor, mais especificamente para Brasil Genro, cujos escritos foram publicados em *Crítica*. Nelson afirma que “no ambiente estreito e opressor da redação, naquela atmosfera que a função do cigarro torna irrespirável, desabam todas as criações da inteligência, todos os momentos de raciocínio, todos os palácios da fantasia”. Já a vida do escritor é aquela onde “ele anda pela rua, pelo café, pela redação, pelo cinema a colher as notas mais características e sensacionais do momento que passa”. Nelson afirma que Brasil Genro, ao fim do dia, observa as multidões, “procura pelas ruas um personagem interessante, um subsídio para futuros romances ou crônicas. E é justamente na rua, no espetáculo variado da rua que se encontram os aspectos mais sugestivos da vida”. A partir dessa reflexão de Nelson e observando as reportagens policiais da época, percebemos como era verdadeira a aproximação do jornalismo e da literatura. Escrever notícias no jornal não significava apenas transmitir friamente os acontecimentos do dia, mas transformá-los em histórias sugestivas que muitas vezes captassem a essência da vida nas ruas da cidade. A imaginação era também muito necessária ao repórter pois na maioria das vezes não havia dados o suficiente para escrever uma reportagem. Era realmente preciso criatividade para imaginar motivos e enredos.

Após anos escrevendo notícias policiais e de linguagem coloquial, Nelson adquiriu o prestígio de ter sua assinatura no jornal, através de suas críticas e reflexões. A imagem de inculto que o autor sempre procurou passar não era portanto verdadeira. Nelson lia tudo o que lhe caía nas mãos. Conhecia o trabalho de poetas, intelectuais e jornalistas como Genro Brasil (após escrever sobre o jornalista, faz ainda uma crítica sobre seu livro *Vinte anos de circo*), o que lhe possibilitava discorrer sobre praticamente qualquer assunto. Vale lembrar que, quando perguntado sobre a pobreza de seus diálogos presentes em suas obras, respondia: “Não sabe o que me custa empobrecê-los”.

Além de não se tratarem mais de notícias policiais, as principais diferenças com relação a estas matérias assinadas pelo autor são a linguagem, a estrutura do texto – que não apresenta subtítulos como as policiais – e seu tamanho. Comparando ambos os estilos, o que nos permite indicar que as matérias policiais são de autoria de Nelson é a linguagem formal e expressões características presentes em ambas. Enquanto nas policiais há uma alternância entre o coloquial e a linguagem mais culta, nas segundas – as assinadas – há apenas a linguagem mais culta. É importante observar no entanto, que a linguagem utilizada nas notícias policiais do jornal *O Globo*, apesar dos adjetivos e dos temas dramáticos, será mais formal que a dos jornais anteriores.

### 3.4

#### **O Globo**

No jornal *O Globo* há claramente um maior rigor na apuração das reportagens e o espaço para o delírio é reduzido. A temática predominante no entanto, continua a mesma. O amor e a morte sempre relacionados dão o tom das matérias já nos títulos: “A garçonete matou o amante/A tragédia que abalou Porto Alegre” (julho, 1931).

O exagero dramático passa a ser visto com mais frequência nos títulos do que no interior da reportagem. Vemos isso na reportagem publicada em outubro de 1931: “Gesto emocionante de uma alucinada / Lançou-se do sexto andar de um arranha-céu ao solo”. A emoção e a tragicidade do caso se restringem ao título. Ao longo da matéria, são dadas as informações básicas, como endereços, nomes

dos envolvidos na ocorrência e autoridades responsáveis, e o socorro prestado pelo Posto Central de Assistência.

O estilo mais formal do jornal pode ser visto em matérias policiais que apresentam fatos mais realistas e menos melodramáticos. Este é o caso da reportagem “Ouvindo a voz de dor dos miseráveis / A evocação teatral de uma octogenária e a história de um barracão da favela” (agosto, 1931), que fala do Albergue Noturno da polícia, situado nos fundos do quartel do quinto batalhão de polícia. O repórter escreve sobre a situação de miséria vivida pelos moradores e sobre as acusações de espancamento contra o administrador do local, Silva Vianna. A realidade se sobressai à ficção no assunto principal da reportagem. No entanto, como sabemos, o jornalismo ainda apresentava a dramaticidade típica dos folhetins, principalmente no que se refere à Nelson. Vemos esse estilo na presença das metáforas dramáticas : “percorremos todos os recantos daquele oásis de amargura, onde as lutas são mesquinhas, originadas pela preferência de um ou outro albergado por este ou aquele pobre, e até o amor tem os esgares da desgraça...”. Neste período, como havia poucos crimes, muitas das reportagens informavam sobre pequenas situações observadas nas ruas da cidade e seus tipos estranhos. Principalmente nas reportagens recolhidas por Caco Coelho, e de provável autoria de Nelson, vemos a descrição de pessoas que chamam a sua atenção, mulheres misteriosas que vagam pelas ruas e velórios e homens solitários possivelmente sofrendo por amor. A imaginação do repórter criava as mais variadas histórias e possibilidades. Nesta reportagem sobre o Albergue Noturno, vemos alguns desses tipos descritos: “Ao lado de dramas eletrizantes, o jocoso da vida aparece, aqui, numa velha de cigarro no canto da boca, ali, no pitoresco de uma ex-escrava loquaz – mais adiante, no requinte de uma toaleta, onde uma trinca nordestina, cintilante de banha, irradia ao sol”. Em seguida, o melodrama aparece na descrição da personagem Celina Chagas, “mineira de voz mansa” que, após se desencontrar do marido na Central, se reencontraram no Albergue: “De repente, no meio do poveréu que ali reside, a título precário, Celina atentou num homem. E deu um grito: Justino! O homem ouviu, olhou e gritou: Celina, diabo! E se abraçaram”. Mais adiante, em encontro com outra personagem, vemos a típica adjetivação inesperada: “O redator do Globo parou na porta de um quarto trágico”. O “quarto trágico” abrigava uma mulher paralítica e uma moça entrevada, cada uma com sua triste história para contar.

A aliança inesperada usada por Nelson é uma de suas características conhecidas e recorrentes em sua obra, principalmente dos contos de *A vida como ela é*. Em vários deles podemos observar a utilização de adjetivações jamais imaginadas e que parecem à primeira vista estranhas ou inadequadas. No conto *Margarida*, em *A coroa de orquideas*, vemos a história de um casal que, depois de tanto esperar, tem uma filha. Para desgraça da família e desespero do pai, a menina acaba indo trabalhar em um famoso bordel da cidade. Ao final do conto, o pai, cansado da monotonia da vida conjugal, decide ir ao tal bordel. Neste momento, vemos a sucessão de adjetivos e adjetivações inesperadas características de Nelson: “A aventura o seduziu pelo que oferecia de inédito, de sórdido, de abjeto. Deixou-se levar; sentia-se dominado por um delírio lúcido e terrível” (Rodrigues, 2002, p.216). Também em outro conto do mesmo livro, observamos a junção de substantivos e adjetivos de significações opostas que demonstram alianças inusitadas. O conto *Pouco amor não é amor* é sobre a vida de Balbino, cuja estranha vocação era a de ser coveiro. O personagem começa a namorar e o pai da moça se preocupa quanto às intenções do rapaz: “O velho quando gostava de uma pessoa era de uma efusão brutal. Mais tarde, aparece Balbino, ressabiado. A cordialidade feroz do velho o assustava” (Rodrigues, 2001, p.252).

Depois de usar a expressão “quarto trágico”, presente na reportagem do albergue noturno, vemos em notícia policial do mesmo mês, uma adjetivação que segue o mesmo estilo: “sombras trágicas”. Também seguindo um estilo mais realista, temos a matéria intitulada “Como um instituto de beleza foi o palco de uma trágica cena noturna / Três mascarados assaltaram pela madrugada de hoje um dos laboratórios de plástica de Mme. Ella” (agosto, 1931), a reportagem conta o caso do assalto sofrido pela “perita da arte da beleza”: “(...) ainda lhe soavam aos ouvidos as últimas badaladas do pêndulo, quando se sentiu surpresa com o abrir violento da porta do seu quarto, ao mesmo tempo que duas sombras, esguias e trágicas, se precipitavam com fúria sobre o seu leito, que ficava mesmo em frente”. O caso relata minuciosamente a ação dos bandidos que invadem o instituto de beleza, apresentando detalhes como a quantia dos objetos roubados. A linguagem da reportagem é visivelmente mais amena. Expressões como “arrecadação criminosa” e “tarefa criminosa” amenizam o drama e a tragicidade que provavelmente estariam presentes nos jornais *A Manhã* e *Crítica*. Nestes, as

“cenas sangrentas” eram exageradas e acompanhadas de ilustrações explicitamente trágicas.

A falta de informações mais precisas nos dois últimos jornais em que Nelson trabalhou se dava provavelmente pois ele era ainda muito jovem e estava apenas iniciando no jornalismo. No período em que começou a escrever para *O Globo*, já tinha adquirido maturidade e experiência, assim como a maneira de se fazer jornalismo se transformava, se encaminhando para um estilo mais objetivo e preciso. Também não podemos esquecer que a linha seguida pelo *Globo* era diferente da seguida pelo escandaloso *Crítica*. O estilo mais ameno, claro e organizado não dava muito espaço para fantasias. O que há é uma mescla entre o estilo dramático e o estilo formal. A junção de ambos resultam em matérias com temas dramáticos, mas que não deixam de informar detalhadamente e objetivamente sobre as ocorrências.

Podemos perceber essas características em algumas notícias que tratam de tema característico de Nelson: casos de amores desprezados que terminam em tragédia. Homens ou mulheres que abandonam seus amantes recheiam boa parte das histórias do autor. Em todos os personagens, a perda do ser amado só pode levar a uma saída: a vingança, a morte. Vemos isso na reportagem “Desprezado pela amante, tentou assassiná-la a golpes de navalha / A cena de sangue desta manhã, no Méier” (outubro, 1931), que relata o caso de Ovídio Moreira da Silva. Chegado ao Rio há dois anos, Ovídio abandonara a esposa ao se apaixonar por mulher mais jovem. Pouco tempo depois, foi desprezado pela amante e resolveu se vingar. A notícia é simples e objetiva e o ataque à navalha é descrito sem grandes emoções: “Defendendo-se com a mão e o braço, os golpes atingiram essas partes do corpo. A navalha no entanto, ainda atingiu uma grande parte do cabelo, cortando-o. Terminada a cena, Ovídio saiu correndo para os fundos da pequena avenida e galgou o muro, pulando para uma serraria da rua Carolina Méier”.

Outra reportagem que aborda o mesmo tema é “Eu não disse que havíamos de morrer juntos?/E em frente ao Palace Hotel o chofer baleou a dançarina, tentando contra a própria vida” (agosto, 1931), onde vemos a precisão da apuração no jornal. A matéria é sobre Doralina Silva, dançarina, e seu amante, o chofer Jorge Francisco Leubeck Junior. Jorge entrara em uma fase difícil da vida, o que resultou em discussões diárias que acabaram por levar à separação do casal. Inconformado com a recusa da reconciliação, Jorge atira em Doralina, atirando em

si mesmo logo depois. A introdução da reportagem fala sobre a estreita relação entre amor e morte: “O amor não tem lógica. Escolhida a mulher que lhe faça vibrar o teclado dos nervos, o homem é um autômato e o mundo fica pequeno se lhe falta o convívio caricioso daquela de vago encanto que é a mulher escolhida pelo pacional. Então, a morte é o último apelo”. Esta introdução característica do estilo de Nelson é seguida por sucessões de adjetivos - “o criminoso desta notícia é o tipo clássico do passional, absurdo, violento e lírico, saindo do sonho pela porta do crime” - e metáforas como “mariposas de luxo”. As informações dadas são detalhadas e precisas, como é o caso dos endereços dos locais citados – “hoje, pela madrugada, quando Doralina, irradiante, saia alegre do ‘dancing’ que funciona no terceiro andar do Teatro Fênix (...)”, “Doralina da Silva, de 21 anos, e residente no apartamento número 165 da rua dos Inválidos (...) Jorge Francisco Leubeck Junior, o ‘Balança’, brasileiro, branco, solteiro, de 27 anos, residente à rua do Senado número 11”. Também como exemplo da precisão das informações temos os dados dos encarregados da ocorrência policial: “A polícia do quinto distrito, representada pelo comissário Alberto Torres Quintanilha, fez remover os feridos para a Assistência”. Até mesmo o número do táxi de Jorge Leubeck é dado: “Há cerca de 20 dias ultimaram definitivamente as relações, isso devido, como dissemos, à situação difícil do chofer, que perdeu em fevereiro o seu último automóvel de número 13.290”.

Outra reportagem que segue o mesmo tema é a de dezembro de 1931, intitulada “Julgando impossível a reconciliação, abateu a tiros a esposa / O crime foi praticado após mais uma recusa de pazes da vítima / A fuga do acusado – outros detalhes da tragédia de hoje, na rua Mariz e Barros”. Assim como acontece na reportagem anterior, nesta também observamos uma maior objetividade no relato dos fatos: “O esposo procurara-a ontem, propondo-lhe as pazes, que ela recusou, categoricamente, pois abandonara-o cansada de sofrer maus tratos. Hoje cedo o marido voltou. Bateu à porta. Ela veio ver quem era, abrindo a janela da frente. Novas propostas de reconciliação foram feitas (...). Ao cabo de certo tempo de discussão – concluiu – ele sacou da arma e fez fogo. O estado da vítima é muito grave (...)”. Nesta notícia há um outro aspecto característico do autor. Ao longo do texto, o narrador se pergunta (e ao leitor) a respeito dos motivos do crime: “Despeito? Assomo de ciúmes? Paixão recalcada? Tudo isso são indagações vagas (...)”. Indagações como essas ao longo da história são muito

comuns nos contos de *A vida como ela é*, estabelecendo uma espécie de diálogo com o leitor. Um dos que apresenta característica semelhante é “Fome de beijos” (A coroa de orquídeas, 2001). O conto é sobre viúva que, por medo do filho, se recusa a ter um romance com o personagem Epaminondas. Em determinado momento, o autor indaga: “Que pavoroso ajuste de contas teria havido, em casa, entre mãe e filho? Que dilaceramento recíproco e definitivo? Nunca se soube”.

Percebemos com essas matérias policiais de *O Globo* as principais diferenças com relação aos jornais onde Nelson trabalhou anteriormente, *A Manhã* e *Crítica*. A organização, a objetividade e os detalhes da apuração sofrem grande modificação. Apenas os temas dramáticos permanecem os mesmos. Um deles, e o preferido de Nelson, era o pacto de morte. Recorrente nas notícias dramáticas dos jornais da família de Nelson, *o Globo* também apresentava matérias sobre o tema. Em “Passaram a noite concertando um plano para morrerem juntos / Hoje, cedo, ele deu um tiro na cabeça, e ela ingeriu um veneno” (dezembro, 1931) temos reunidos dois temas característicos de Nelson: o pacto de morte e o envenenamento. A reportagem relata o caso do soldado Antonio Siqueira da Rocha, e sua amante, Maria da Conceição. O casal, que vivia em um quarto alugado, foi encontrado na cama, transformada “em verdadeiro lago de sangue”. O soldado havia dado um tiro no peito e a jovem havia tomado veneno. Ela sobrevivera, não esclarecendo no entanto, o real motivo do pacto.

Além dos casos envolvendo pactos de morte, não há dúvida de que a infidelidade era uma dos temas privilegiados pelo autor. Ele está presente em casos de suicídio, assassinato e atropelamento. A obsessão pela traição, principalmente a feminina, percorre praticamente todos os contos de *A vida como ela é*, e muitas das notícias policiais. Em uma delas, publicada em outubro de 1931, vemos a manchete “Alucinado pela evidência da infidelidade da esposa / O Almojarife abateu a jovem senhora a tiros”. A eterna dúvida da traição foi o que fez com que o marido, alvo das mais perturbadoras insinuações, seguisse a esposa e terminasse por se transformar “no protagonista da cena de sangue fornecida ao noticiário policial”. Nesta curta reportagem de *O Globo*, não há explicações quanto aos motivos da traição, mas, em se tratando de Nelson Rodrigues, provavelmente estes não eram muito relevantes. É interessante observarmos que os casos de traição que aparecem nos contos do autor normalmente apresentam motivos os mais estranhos possíveis para a infidelidade da esposa. Esse é o caso

do conto “O homem fiel” (*A vida como ela é: o homem fiel e outros contos*, 2003) onde a esposa decide trair o marido porque este tinha asma. Também provoca espanto o motivo da traição da esposa no conto “Traído por ser bom” (*A coroa de orquídeas – e outros contos de A vida como ela é*, 2001). A extrema bondade do marido é o que faz com que a mulher o traia, e acabe por se matar por não suportar tanta bondade. Em “O primeiro pecado” (idem, 2001) temos a história da primeira traição de uma mulher que, por curiosidade, decide ser infiel ao marido por uma noite. Já no conto “A esposa bem tratada” (*A coroa de orquídeas – e outros contos de A vida como ela é*, 2001) a mulher trai o marido porque este colocava a dentadura em um copo à noite, antes de dormir. A obsessão de Nelson não tem limites e ele chega ao ponto de relatar caso de traição que ainda não aconteceu e que mesmo assim termina em tragédia. No conto “Chico-bóia” (*A coroa de orquídeas*, 2001), um homem se casa e engorda terrivelmente. Desiludido com a própria silhueta, o marido não acredita que a esposa possa amar alguém assim tão gordo e a mata pois, cedo ou tarde, ela o trairia.

Também a temática da loucura faz parte do repertório de Nelson. Na reportagem policial do *Globo* identificamos o tema na reportagem “A trágica psicose de um enfermo / Prostrou morta a pontações a infeliz e dedicada esposa” (junho de 1932) que trata do caso de um cabo da polícia militar que, enlouquecido, mata a esposa. Morando com a esposa, quatro filhos e o irmão, Arthur tentou se enforcar e foi removido para o hospício. De volta à casa e ainda perturbado, começou a brigar com o irmão, a cunhada e a esposa. Em um de seus acessos de raiva, atirou na mulher, matando-a. Como vem acontecendo nas reportagens do jornal, informações como endereços, dias, nomes, idades e profissões dos indivíduos envolvidos são dados mais detalhadamente, logo na introdução da reportagem. Mesmo assim, o drama característico das reportagens exageradas dos jornais anteriores está presente: “Na tarde de ontem, o morro da Rainha foi teatro de uma cena de sangue emocionante, que deixou estarecidos os que contemplavam o quadro que apresentava a modesta casinha da rua projetada número 14 no referido morro”. A expressão “cena de sangue” é regularmente utilizada pelo autor, indicando o tom exageradamente dramático. Além de “cena de sangue” temos: “(...) Arthur, à porta, tendo à mão um sabre ensanguentado” e “Entrando na casa, foram encontrar Carolina caída ao chão, no quarto, em uma poça de sangue”, nos indicando o estilo “sangrento” de Nelson. Ao final da

matéria, mais um indício de seu estilo: depois de assassinar a esposa, o louco, arrependido, se joga sobre o corpo e o beija ardentemente. Cenas de viúvos (ou viúvas) em desespero, prostrados ao lado do cadáver de seu falecido amor são típicas dos contos de *A vida como ela é*, como por exemplo em “Escorpião de banheiro” (*A coroa de orquídeas*, 2001). Neste conto, depois de se separar de esposa que o maltratava, homem se desespera e a estrangula. Arrependido e abraçado ao cadáver, termina exclamando: “Não te enterrarei nunca! Ficarás comigo aqui!”.

A temática da loucura envolvia Nelson desde criança quando vira na rua em que morava, uma jovem louca, que passava os dias quieta, sem falar nem gritar com ninguém (*A menina sem estrela*, 2002, p. 23). Também nos dias em que passou internado no Sanatorinho, em Campos do Jordão, por causa da tuberculose, conviveu diariamente com doentes que, no auge de suas crises e abandonados pelas famílias, deliravam, gritando por salvação. A tuberculose aliás, também merece destaque na obra do autor, influenciando até mesmo na criação de seus personagens. Assim como situações presenciadas na infância e vividas na família serviram de inspiração para seus contos, também a doença que não o deixou em paz ao longo da vida, serviu de modelo para personagens. No conto “O miserável” (*A coroa de orquídeas*, 2001), a personagem Belmira, descobre que está com tuberculose e sonha com seu futuro enterro (obsessão de Nelson que, quando criança, sonhava com seu próprio velório). Também em outro conto, “Doente do pulmão” (idem, 2001), vemos a tuberculose como tema principal. Nele, uma mulher casada exige que o marido dê uma surra em poeta tuberculoso que a assediava diariamente. Ao ver o estado do poeta, doente e sem forças, a mulher, penalizada, se arrepende e abandona o marido para ficar com o tuberculoso.

Como vimos, as obsessões de Nelson eram muitas: amor e morte, pactos de morte, traição, loucura. Algumas delas surgiram a partir de experiências próprias, muitas vezes tragédias presenciadas e vividas. A principal delas foi sem dúvida o assassinato do irmão Roberto. A morte do irmão o marcou e resultou em artigo escrito no *Globo*, em abril de 1933. Ao contrário das notícias policiais que vínhamos observando, o artigo é comprovadamente da autoria de Nelson e se intitula “O estilista do amor e da morte”. Observando alguns trechos, veremos como a escrita se difere das reportagens policiais, sem deixar de lado no entanto, o

tema amor e morte. Assim como aconteceu com os artigos assinados pelo autor nos jornais anteriores, este do *Globo* também apresenta uma linguagem mais rebuscada e formal, própria de um artigo. O trecho inicial do artigo nos serve de ilustração da diferença da linguagem se comparada com as reportagens policiais:

Roberto Rodrigues criou linhas que importam um verdadeiro milagre pela eficiência de expressão. Quem lhe reveja a obra cheia de motivos sombrios, intenções e feitos desconcertantes, observará que o seu traço gravava lucidamente toda as sensações morais ou nervosas do artista. Ele obteve dentro da ilustração verdadeiros prodígios. Com um domínio pleno sobre a arte, deu expressão plástica perfeita a todos os seus símbolos e concepções.

Ao escrever sobre o estilo de Roberto e seus “motivos sombrios”, Nelson acaba por nos revelar também seu próprio estilo. O drama e a tragicidade presentes nos desenhos do irmão encontram eco nos escritos perturbadores de Nelson: “(...) Era animado: violento, quase demoníaco de almas e formas. Inspirava-o em todas as realizações artísticas uma imaginação cálida e agitante”. A “linda agonia” presente nos traços de Roberto e a tentativa de apreender a “verdade psicológica” dos indivíduos retratados nas ilustrações são características da obra do irmão. Assim como Roberto passava através de suas ilustrações todo os sentimentos sofridos pelo homem, também Nelson transmitia através de seus escritos, a condição humana: “O que importa são os atos e, mais que os atos, os sentimentos. É a alma que está em questão” (*Pouco amor não é amor*, 2002).

No mês seguinte, novo artigo assinado por Nelson dá continuação ao que escrevera sobre o irmão. Mais uma vez é interessante observarmos como a caracterização do ilustrador em muito lembra as características do próprio Nelson: “(...) criou outonos soturnos, crepúsculos funestos para idílios e núpcias. Não raro, assinalava uma semelhança estranha entre os perfis dos mortos e dos amorosos. Há ilustrações suas em que a síncope de um beijo transmuda-se em morte. Porque fazia, quase sempre, a união do amor com a eternidade, da carne com o além”. A aproximação dos temas amor e morte era uma característica no trabalho de ambos. Como afirma Caco Coelho em *O Baú de Nelson Rodrigues*, “O eixo que conduzirá a trajetória de Nelson – o amor e a morte, o patético e o humorístico –

encontra-se em Roberto, fincado plasticamente, numa semelhança estranha entre os perfis dos mortos e dos amorosos” (2004, p.31).